

Nkenda

Fifo Ribeiro

Jiniiki abelha misteriosa!

Triturou as folhagens e me estendeu o rixi, donde fumamos por um tempo. Nem parecia que estava eu sob aquele etéreo julgamento.

- Não estou com sede - tentei.

- Pí! - interrompeu a abelha de olhos fundos - eis cá a taça de mbúlungu, beba e verás, tunuê!

Bebi sem prestar atenção e o líquido vazou da garganta direto para o coração como injeção de contaminar o meu ventrículo direito todinho e logo logo o esquerdo.

Mbúlungu é tribunal. Bebida tóxica e mortal, juiz da justiça divina com ervas e galhos e o que mais der aquele gosto de terra-funcho. Dá ela aos suspeitos de bruxaria, assassinato e adultério, bem misturada, vê!, repara suas caras e espera. Os inocentes, nada sentirão além do gosto de pau-amargo. Já os culpados sentirão o líquido transbordando da garganta ao coração, como injeção letal de contaminar o corpo todo lentamente...

- Aiué! - gritei!!, caindo no chão, boca espumando, daí nada mais lembro a não ser dos clamores apavorados

- Beka o kimbanda

- Beka o kimbanda kiengi!

- Beka o kimbanda kamukuâ!

Sim, pois nenhum curandeiro em nenhum canto da terra jamais pôde fazer nada, a não ser rezar - a saka, o ufunu ua kusaka kima kia Nzambi!!, para aqueles que se enebream com o vapor doce da kizola.

Kufua de morte matada, eme ngafu!

mas antes de morrer aquela morte agonizante, restariam por aquele sempre alguns segundos de escutar o coração batendo e se reconhecer mais vivo que nunca, pra depois morrer pra sempre naqueles olhos múltiplos, severos da mais profunda doçura.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/nkenda>